

Infância e Interseccionalidade: Crianças Negras e Cabelos Crespos

Childhood and Intersectionality: Black Children and Curly Hair

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro ¹

DOI: 10.59306/memorare.v10e1202330-45

Resumo: Este artigo busca relacionar o cabelo crespo e a infância através de uma perspectiva interseccional, utilizando a discussão do filme “*Felicidade por um Fio*” e da animação curta-metragem “*Hair Love*”. Em primeiro lugar, foi apresentado o conceito de interseccionalidade e de infância em afroperspectiva. Posteriormente, foram elencadas algumas reflexões sobre as obras: *Felicidade por um fio* e *Hair Love*, ressaltando as potencialidades das crianças negras. Buscamos situar a infância como pilar existencial imprescindível para se pensar relações étnico-raciais em diáspora, masculinidades plurais, transgeracionalidade e gênero, vislumbrando novas produções epistemológicas, estéticas e políticas que se distanciem das elaborações subjetivas coloniais. Os saberes de crianças negras que não passaram por procedimentos de alisamentos compulsórios em sua infância são fundamentais para pensar novas perspectivas epistêmicas pluriversais. A valorização da estética de cabelos crespos em crianças negras pode influenciar a descolonização ao romper com o embranquecimento enquanto estratégia de controle de corporeidades negras.

Palavras-chave: Infância. Interseccionalidade. Cabelo Crespo.

Abstract: This article seeks to relate curly hair and childhood through an intersectional perspective, using the discussion of the film “*Felicidade por um Fio*” and the animated short film “*Hair Love*”. First, the concept of intersectionality and childhood in an Afro-perspective was presented. Subsequently, some reflections on the works were listed: *Happiness by a thread* and *Hair Love*, highlighting the potential of black children. We seek to place childhood as an essential existential pillar to think about ethnic-racial relations in diaspora, plural masculinities, transgenerationality and gender, envisioning new epistemological, aesthetic and political productions that distance themselves from colonial subjective elaborations. The knowledge of black children who did not go through compulsory smoothing procedures in their childhood is fundamental for thinking about new pluriversal epistemic perspectives. The appreciation of the aesthetics of curly hair in black children can influence decolonization by breaking with whitening as a strategy to control black corporeities.

Keywords: Childhood. Intersectionality. Curly Hair.

¹ Doutora pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Mestra e Bacharela em Psicologia (UFMS). Email: maylla.chaveiro@gmail.com

1 Introdução

Este artigo é resultado de uma tese de doutorado que buscou analisar a articulação entre relações étnico-raciais, infâncias e estética negra a partir das informações obtidas com base em observação participante realizada em marchas e encontros de valorização do cabelo crespo e da revisão da literatura da área (CHAVEIRO, 2020). Foram realizadas observações participantes durante o período de 2014 a 2019 em Marchas do Orgulho Crespo, Marchas do Empoderamento Crespo e Encontros de Crespas em nove capitais brasileiras (Salvador - BA, Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP, Florianópolis - SC, Curitiba - PR, Porto Alegre - RS, Goiânia - GO, Mato Grosso - MT e Mato Grosso do Sul - MS) e algumas cidades do interior destes estados.

Com base em um arcabouço teórico-metodológico decolonial, o cabelo crespo e a infância foram situados como ponto de partida para se pensar a interseccionalidade entre as categorias de gênero, relações étnico-raciais, geração, religiosidade/espiritualidade, capacidade, nacionalidade/territorialidade, orientação sexual e classe social. Assim, vislumbramos novas produções epistemológicas, estéticas e políticas que se distanciem das elaborações subjetivas coloniais (CHAVEIRO, MINELLA, 2021).

Como recursos metodológicos, este artigo busca relacionar o cabelo crespo e a infância através de uma perspectiva interseccional, utilizando a discussão do filme longa-metragem “Felicidade por um Fio” e do filme de animação curta-metragem “Hair Love”. A escolha do primeiro filme se deu em função de sua ampla propagação no contexto dos movimentos sociais de valorização da estética negra. Já a escolha do curta ocorreu em função de sua festejada premiação no Oscar por movimentos de empoderamento e orgulho crespo no Brasil. A partir destas obras cinematográficas vislumbramos a possibilidade de ilustrar o engajamento social e protagonismo de crianças negras empoderadas a partir das experiências de alguns personagens do filme.

Neste artigo, consideramos a infância como uma condição existencial humana contingente ao contexto histórico-cultural e versada em atuar sobre a realidade a partir de suas potencialidades de criação e de transformação (NOGUERA, 2019). Sendo assim, partimos do pressuposto de que a universalização da infância, tendo como elementos centrais a abordagem eurocentrista e ocidentalizada, pode levar a limitações existenciais que transcendem o ciclo geracional. Ou seja, entendemos que conceber a infância somente como uma fase da vida e apenas sob a perspectiva do Ocidente, dificulta diálogos fundamentais à construção de pensamento crítico como base de possíveis socializações anticoloniais, por exemplo, em cosmologias africanas e indígenas.

Assim, buscamos situar a infância como pilar existencial imprescindível para se pensar as relações étnico-raciais em diáspora, a fim de vislumbrar novas produções epistemológicas, estéticas e políticas que se distanciem das elaborações subjetivas coloniais. Os saberes de crianças negras que não passaram por procedimentos de alisamentos compulsórios em sua infância são fundamentais para pensar novas perspectivas epistêmicas pluriversais, pois a valorização da estética de crianças negras pode influenciar mudanças de pensamento ao romper

com perspectivas do embranquecimento enquanto estratégia de controle de corporeidades negras. Em suma, crianças negras com sua força ancestral, representam simbolicamente o próprio lugar de transição (capilar² e epistêmica).

2 Interseccionalidade, Infância e Cabelo Crespo

O racismo é uma forma de violência que tem sido produzida sistematicamente no tecido social de modo estrutural, institucional e cultural (ALMEIDA, 2019) e que tem servido de justificativa para exploração e danos distintos (físicos, morais, psicológicos, patrimoniais, etc.) (MUNANGA, 1999).

Inicialmente focalizamos o cabelo crespo como algo que pode colaborar para a compreensão das múltiplas relações sociais, pois permite desenhar no próprio corpo as tramas da interseccionalidade, considerando que a ideia de raça é um dos eixos fundamentais de poder e classificação social (QUIJANO, 2005).

O protagonismo do cabelo crespo nesta discussão pode ser interpretado como um resgate histórico do próprio contexto de surgimento do conceito interseccionalidade, elaborado por mulheres negras e cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002). A interseccionalidade é um conceito elaborado para auxiliar a compreensão de como diferentes formas de opressão, como racismo, sexismo, lgbtphobia, xenofobia, se entrelaçam e se sobrepõem, resultando em condições complexas e únicas de discriminação e desvantagem para certos grupos.

A autora brasileira Carla Akotirene, assistente social e pesquisadora da epistemologia de gênero e relações étnico-raciais, afirma que interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica para refletir sobre as articulações decorrentes do entrelaçamento entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, considerando que tal ferramenta foi formulada pelo movimento de mulheres negras (AKOTIRENE, 2018). Ou seja, o protagonismo em se pensar estas articulações pertence às mulheres negras em decorrência de suas próprias vivências, desse modo, torna-se imprescindível uma visão afrocêntrica para guiar teoricamente tais encruzilhadas epistemológicas. No livro “O que é Interseccionalidade?” ela afirma:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça, classe – modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Com efeito, o contexto histórico de idealização desta categoria foi também produto de experiências da corporeidade destas mulheres negras, e possivelmente implicando elementos de suas próprias infâncias. Em outros termos, as experiências políticas das precursoras do pensamento interseccional, possivelmente também foram atravessadas por experiências estético-políticas, tendo o cabelo crespo

² A transição capilar é o processo de abandono de químicas de alisamento e relaxamento, com o objetivo de retornar ao cabelo com a sua curvatura natural. Ela começa no dia da última aplicação de química até o dia do corte de todas as pontas alisadas. É um processo muito importante para os movimentos negros no Brasil, pois fortalece a autoestima de pessoas negras, sendo uma dinâmica de descolonização física e mental em diáspora.

como suporte simbólico para a linguagem e paradigma teórico de resistência cultural. Desse modo, entendemos que o cabelo crespo, como instrumento para reflexão sobre a interseccionalidade, contribui igualmente para resgatar memórias de infâncias e de lutas contra as estruturas de opressão a partir da resistência ao sistema racista, reforçando a ideia de amálgama entre estética e política.

O cabelo é característica importante dos marcadores sociais, principalmente em uma sociedade ocidental pautada em paradigmas dualistas e biológicos de corpo valorizando o sentido visual e estético (OYĚWÙMÍ, 1997). Desse modo, as marchas, encontros, produções artísticas sobre cabelos crespos no Brasil nos últimos anos, oferecem condições para ampliar horizontes acerca da multiplicidade de discursos produzidos sobre gênero e geração em perspectivas étnico-raciais.

Nilma Lino Gomes em seu livro *'Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra'* (2008) expõe algumas memórias de sua própria infância, discutindo sobre a construção social do conceito de beleza para meninas negras. Nas palavras da autora:

Vejo uma menina negra, muito magra, sentada no chão, presa entre as coxas grossas de minha mãe, tendo que me submeter ao ato de pentear a espessa cabeleira crespa. O pente entrava no meu cabelo desde a raiz até as pontas, causando uma dor alucinante. (...). Minha mãe, uma mulher negra, gorda, bonita e enérgica, não atendia aos meus apelos para me deixar brincar livre, com minha cabeleira despenteada e solta ao vento. Não. Era preciso que seus filhos se apresentassem sempre asseados e bem penteados. A cena era tão cheia de resmungos, choros e dor, que mobilizava toda a família. (...). Tudo isso acontecia em um tempo específico e num momento certo: o ritual de pentear os cabelos. (...). Talvez ali eu estivesse aprendendo uma das primeiras lições muito difundidas entre as mulheres de modo geral e as negras, em específico: para ficar bela é preciso sofrer. Naquele momento da minha vida, mais um passo na construção da identidade negra estava sendo dado e mais um aprendizado – mas não sem dor – sobre o “ser negra”, o cabelo, o corpo e a beleza (GOMES, 2008, p. 327-328).

Relatos de experiência semelhantes ao de Nilma Lino Gomes são muito frequentes em encontros de mulheres crespas, mostrando que a concepção do que é considerado um cabelo bonito ocorre em oposição ao cabelo crespo e vai sendo construída nos primeiros anos de vida das crianças negras como representações negativadas, dolorosas e estereotipadas de corporeidade. Sendo assim, o modelo estético em uma sociedade estruturalmente racista repercute em práticas pedagógicas coloniais, transmitindo para crianças a ideia de considerar o cabelo liso como melhor ou mais bonito em relação ao cabelo crespo.

A teórica e ativista feminista bell hooks (2005) relatou algumas de suas experiências de vida relacionadas ao alisamento compulsório. Enquanto criança, sua infância foi marcada pelas dinâmicas racistas de embranquecimento: ser criança significava ter cabelos crespos e trançados, e ser mulher adulta significava ter poder de usar cabelos alisados. A partir das vivências da autora, entendemos que, naquele contexto, para as crianças negras, mais especificamente para meninas negras, se tornar adulta significava poder alterar sua corporeidade negando sua estética negra e adotando traços da estética colonial de alisamentos.

Desse modo, interpretamos que as meninas enquanto são crianças devem manter o comprimento do cabelo como símbolo de feminilidade, geralmente trançando o cabelo para reprimir o efeito gravitacional inerente ao crespo e que o deixa com volume para o alto. Esse processo não está livre de dor e incômodo. Quando a menina se transforma em mulher, ganha-se, ironicamente, o direito de alisar o cabelo com produtos químicos e outros instrumentos de tortura.

Já os cabelos crespos de meninos negros geralmente têm sido cortados bem curtos, pois assim, sua textura afro não fica em evidência, além de corresponder ao modelo estético da heterossexualidade compulsória. Com estas práticas, podemos compreender, por exemplo, como o processo de articulação entre raça/etnia, sexualidade e gênero podem ocorrer nas experiências de meninas negras e meninos negros com seus cabelos.

Em um contexto em que o adultocentrismo invisibiliza crianças e levando em consideração sua condição existencial de desobediência epistêmica (CHAVEIRO, 2020), elas anseiam por se tornarem adultas e contrariar a lógica do adultocentrismo, adquirindo assim, um lugar de emancipação. Além disso, o racismo também permeia o imaginário infantil e constitui subjetividades pautadas na negação da estética negra; e em oposição a este lugar epistêmico, crianças negras, geralmente anseiam por se tornarem adultas e terem condições de agir respeitando sua ancestralidade. Retomando as lembranças de bell hooks (2005):

Nas manhãs de sábado, nos reuníamos na cozinha para arrumar o cabelo, quer dizer, para alisar os nossos cabelos. Os cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito. Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos (hooks, 2005, s/p).

A respeito de identidades de gênero, bell hooks (2005), analisa as relações entre cabelo crespo e gênero: “Para cada uma de nós, passar o pente quente é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. (...) É um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres” (2005, s/p). Nesta passagem, entendemos que o ato de alisar o cabelo não necessariamente significa negar a identidade racial, mas reivindicar, antes disso, identidades de gênero em uma sociedade em que ser mulher é sinônimo de ter cabelos longos. Ou seja, em um contexto afrodiaspórico a noção de pertencimento étnico-racial parece estar interligada às identidades de gênero, sendo que as peculiaridades de cada categoria se fundem tornando mais complexas suas dinâmicas.

3 Felicidade por um fio

Estas reflexões, entre outras, são contempladas pelo filme estadunidense intitulado Felicidade Por Um Fio (originalmente chamado *Nappily Ever After*), com direção de Haifaa al-Mansour e produzido pela Netflix. O filme teve grande repercussão no Brasil, sendo assistido e discutido em encontros de valorização estética por mulheres negras com cabelos crespos, as quais, possivelmente se viram representadas nas cenas desse filme que levanta questões importantes sobre vários aspectos: padrões de beleza e mercado de trabalho, casamento e estética negra, alisamento compulsório em crianças, subjetividade, empoderamento e expressão corporal.

O cartaz do filme (figura 01) apresenta a imagem de Violet, personagem considerada como protagonista, mostrando a cabeça raspada e sorrindo em meio a algumas flores, grampos para prender cabelos, uma máquina de cortar cabelos, e um pente. Esta arte gráfica parece sugerir a ideia de florescer em meio aos objetos que simbolizam tanto a fase de alisamento compulsório, como também auxiliam paradoxalmente no rompimento com esse procedimento físico-químico. As flores também podem indicar os ciclos climáticos das estações do ano como metáfora para os processos que mulheres negras e crespas passam durante a transição capilar. A expressão facial de Violet no cartaz demonstra autoconfiança e alegria, características consideradas contraditórias, até o século passado, para uma mulher que tem seu cabelo raspado.

Figura 01: Cartaz do filme Felicidade por um fio



Fonte: Netflix/Divulgação

O filme conta a história de Violet, uma publicitária bem-sucedida nos negócios que namora um médico e tem muitas amigas. A suposta vida perfeita de Violet é relacionada ao padrão de beleza seguido por ela e incentivado pela mãe desde sua infância: o alisamento compulsório (figura 02). Durante toda sua infância, Violet aprende que ser perfeita é o oposto de usar o cabelo crespo. Em uma das cenas, ela é impedida de brincar na piscina com outras crianças, pois seu cabelo estava alisado, mesmo assim, ela desobedece a sua mãe, pula na piscina, e percebe o

racismo das crianças que riem de seu cabelo que voltou ao formato naturalmente crespo.

Figura 02: Mãe de Violet alisando seu cabelo



Violet cresce com um cabelo extremamente alisado sendo considerado perfeito pelo seu meio social (figura 03). Esta consequência do racismo é relacionada à sua carreira de sucesso. O filme mostra várias contradições inerentes aos personagens: Violet, mesmo sendo vista como perfeita, tem medo da chuva que pode destruir sua chapinha, não sabe quais são suas músicas preferidas, coloca como prioridade de sua vida a possibilidade de se tornar esposa de um médico. Em suma, a artificialidade dos cabelos alisados de maneira compulsória também constitui sua subjetividade, o que dificulta que ela busque seu autoconhecimento, distorcendo a imagem que ela tem de si própria.

Figura 03: Violet no ambiente de trabalho antes de passar pela transição capilar.



Fonte: Netflix/Divulgação

No entanto, Violet se vê em situações em que é necessário repensar sobre sua estética e encara o processo de transição capilar, o qual influenciará seus relacionamentos afetivos, sociais e familiares. A partir

da trajetória de vida de Violet podemos perceber como os estereótipos de gênero são transmitidos culturalmente para crianças e reproduzidos no decorrer de grande parte da vida de mulheres negras.

No filme, acompanhamos a infância de Violet sendo marcada pela imposição de sua mãe a rituais de beleza voltados ao apagamento de seus traços africanos. Desse modo, o roteiro ilustra como meninas negras vão sendo ensinadas culturalmente que o processo de se tornar mulher adquire um sentido oposto ao processo de tornar-se mulher negra. De acordo com o enredo, ser mulher bem-sucedida numa sociedade colonizada, significa ser embranquecida e se adequar aos estereótipos de gênero (LUGONES,2014).

Entretanto, é a partir do contato com Zoe, uma criança com autoestima elevada (afroestima), que Violet passa a refletir sobre sua própria infância inserida em dinâmicas racistas que culminaram na negação de si mesma. Nessa parte da história, percebemos a importância da reconciliação com as memórias traumáticas permeadas por racismo estrutural em nossas infâncias.

Violet no início critica a imagem da pequena Zoe e tece comentários depreciativos sobre o cabelo crespo da garota. Porém, percebe depois o quanto pode aprender com Zoe a fortalecer sua autoestima e a seguir seu caminho ressignificando suas memórias (figura 04). Nesse sentido, o filme nos apresenta um exemplo do modo como pessoas adultas podem recuperar suas infâncias ao estarem abertas a aprender com crianças negras. Zoe mostra à Violet como a espontaneidade, leveza, alegria e sagacidade das crianças podem ser incorporadas tanto nas situações cotidianas, quanto no âmbito profissional.

Figura 04: Violet e Zoe



Foto: Internet

Enquanto a relação de amizade entre Zoe (criança) e Violet (adulta) se fortalece, o filme também mostra como a criança ensina até mesmo a mãe de Violet (idosa). Nesse aspecto, gostaríamos de ressaltar a potência transformadora de crianças com afroestima, as quais têm protagonizado práticas de resistência às tradições coloniais. Em nossa percepção do filme, o papel principal é atribuído à pequena Zoe, a qual oferece suporte emocional no processo de transição capilar de Violet e

ainda se coloca diante da mãe de Violet como uma possibilidade de ser criança e, ao mesmo tempo, negar as práticas de embranquecimento com alisamento compulsório. A infância em afroperspectiva de Zoe transita, propondo diálogos entre as gerações, rompendo com o adultocentrismo, com o racismo e com o sexismo de maneira interseccional. Na imagem abaixo podemos perceber o quanto Zoe atua de forma transgressora e insubordinada ao responder à mãe de Violet, a qual tenta criticar seu cabelo, que ela sabe que é bonita.

Figura 05: Conversa entre Zoe e mãe de Violet



Foto: Google Imagens

Fazendo um paralelo entre as cenas do filme e as experiências vivenciadas nas marchas e encontros de crespas, elucidamos um aspecto importante para o processo de transição capilar: a absolvição das mulheres negras mais velhas pelas violências e mutilações sofridas pelas crianças que elas foram durante os processos de alisamento compulsório. Ao compreender que nossas mães, tias, avós, só possibilitaram que as violências coloniais nos atingissem quando éramos crianças, porque também não tiveram condições para desenvolver uma consciência histórica e metacrítica sobre o racismo estrutural, é que passamos a ressignificar nossas histórias.

A partir de tal reelaboração subjetiva, é possível traçar novos caminhos que se distanciem da repetição inconsciente de práticas alicerçadas no racismo. Em suma, transição capilar não significa somente cortar o cabelo liso e deixar que o crespo cresça. Compreendemos que transição capilar é também um intenso processo afrosujeivo de ressignificação de infâncias marcadas pelo embranquecimento psíquico que pode convergir em alisamentos compulsórios. Assim, nossa interpretação de transição capilar está

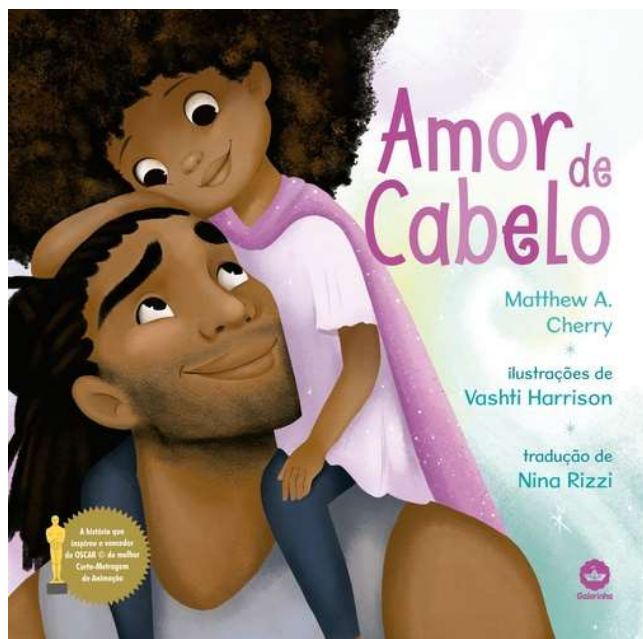
intimamente relacionada à noção de infância, pois situa um lugar de travessia e autoconhecimento com base nos significados psicológicos de retornar ao passado, nos reencontrando com a criança que fomos.

Diante disso, o processo de transição capilar, o qual geralmente ocorre em pessoas jovens e adultas, destaca-se como elemento potente de transformação de perspectivas no campo da infância. Ou seja, pessoas adultas em transição capilar se situam em contexto favorável para ressignificar suas memórias e se permitir estar em estado de infância mesmo na fase adulta. Nesse sentido, transição capilar é um processo que induz a seguinte pergunta: o que fazer, com leveza e alegria de crianças, diante do que fizeram de nós? Transição capilar é a iniciação e o renascimento de um novo ciclo de resgate ancestral africano. Assim, a possibilidade de entender nossa história individual se dá como ponto de partida para a busca posterior de elementos que fundamentam a sistematização histórica do povo negro. Nosso objetivo ao abordar esse tema é desenvolver o argumento de que os saberes de crianças negras que não passaram por procedimentos de alisamentos compulsórios em sua infância são fundamentais para pensar novas perspectivas epistêmicas pluriversais.

4 Hair Love e Masculinidades Negras: Um Pai Preto

No contexto desta discussão, também temos como exemplo o curta metragem animado intitulado “Hair Love”, em que um pai afro-americano tenta fazer um penteado no cabelo da filha pela primeira vez. O filme foi escrito e dirigido por Matthew A. Cherry, criado pela Sony Pictures Animation e lançado no ano de 2019, aborda a constituição do amor pelo cabelo crespo em crianças negras a partir do vínculo afetivo com sua família foi ganhador do Oscar em 2020 de melhor curta-metragem de animação. Esta história também inspirou a escrita de um livro infantil que foi lançado em maio de 2019, escrita por Cherry e com ilustrações de Vashiti Harrison.

Figura 06: Cartaz do curta metragem Hair Love.



Fonte: <http://ninaarizzi.blogspot.com/2020/03/hair-love-amor-de-cabelo-um-amor-de.html>

Antes de se transformar em filme de animação, Hair Love se tornou um livro inspirado por histórias reais de pais que tentam pentear os cabelos crespos de suas filhas na internet. De acordo com o diretor Cherry, a pouca representatividade em projetos de animação incentivou a criar uma nova proposta:

Em 2017, inspirado em vídeos virais que eu tinha visto de pais afro-americanos tentando pentear o cabelo de suas filhas, desenvolvi a ideia para um curta animado e o apresentei no Kickstarter (plataforma de crowdfunding). Com esse projeto, espero que possamos mostrar uma imagem positiva dos pais negros e de suas filhas incentivando cabelos naturais e amor próprio em todo o mundo. (<https://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/hair-love/>)

Na animação, a menina Zuri precisava fazer um bonito penteado no cabelo para uma ocasião especial. Primeiramente, ela tenta arrumar o cabelo sozinha, depois de escolher um belo penteado dos vários que sua mãe lhe fazia. Nesta cena, é possível perceber que a mãe, Angela, parece ser uma blogueira ou youtuber de conteúdos referentes ao cabelo crespo, pois a criança olha uma página da internet com vários vídeos em que ela foi filmada como modelo da realização de penteados em cabelo crespo pela sua mãe. Entretanto, depois de tentar fazer sozinha o penteado, o resultado não ficou semelhante ao que ela almejava. Ao perceber que a filha não estava conseguindo fazer o penteado, o pai, Stephen, tenta ajudá-la para que não cheguem atrasados ao compromisso. Entretanto, o pai percebe que pode ser uma tarefa difícil para suas limitadas habilidades em fazer penteados no cabelo da filha e logo coloca uma touca no cabelo da menina. Zuri não gosta e reforça sua vontade de usar o penteado específico escolhido anteriormente. O pai Stephen trava uma luta com o cabelo crespo da filha e perde, pois o

resultado final do penteado não ficou satisfatório. A menina fica muito triste, se trancando no banheiro para chorar, e, nestas alturas, pai e filha já estão atrasados para o evento especial.

Figura 07: Cena do filme Hair Love em que o pai tenta fazer um penteado no cabelo da filha.



Fonte: <https://revolutionnow.com.br/assista-hair-love-o-curta-sobre-cabelos-crespos-e-aceitacao/>

Ela abre a porta para o pai e mostra um vídeo tutorial mostrando passo a passo como executar o penteado que sua própria mãe gravou. Com o auxílio do vídeo, Stephen consegue fazer o lindo penteado de maneira que a filha gostasse. Zuri abraça orgulhosamente o pai, pega um desenho que estava fixado na parede e ambos saem para o encontro. Pai e filha chegam ao hospital para buscar a Angela que recebeu alta de um tratamento quimioterápico, pois está careca e com um lenço na cabeça. A menina abraça a mãe, mostrando o penteado feito pelo pai. O ato de ter feito o penteado na filha, parece fortalecer a relação do casal, pois trocam carinhos e olhares. Zuri entrega o desenho que fez para a mãe, retratando-a como uma rainha careca e com uma coroa na cabeça. Mãe e filha ficam muito emocionadas, e Angela toma coragem e tira o lenço da cabeça, expondo orgulhosamente sua careca. A família se abraça unida.

Figura 08: Cena do filme Hair Love em que Zuri dá o desenho que fez para sua mãe e a família se abraça.



Fonte: <https://www.afolhahoje.com/5-dicas-que-hair-love-indica-para-cabelo-cacheado-e-crespo/>.

Este filme nos oferece elementos para examinar aspectos interseccionais em função do cabelo crespo em crianças. Em primeiro lugar, podemos perceber que Stephen, mesmo tendo cabelos com dreads não estava acostumado a cuidar dos cabelos de sua filha, pois, esta tarefa havia sido desempenhada por Angela. O filme parece problematizar o conceito de paternidade em famílias negras, chamando atenção para a importância dos pais estarem atuantes nas rotinas de cuidados diários de suas crianças, principalmente em relação aos cuidados dos cabelos crespos de meninas e meninos. Isto porque, ao lavar, hidratar e pentear os cabelos crespos das crianças de maneira afetuosa, os pais também estarão fortalecendo as raízes ancestrais das crianças e protegendo sua autoestima.

Ao pentear os cabelos de suas filhas e filhos, os pais também intensificam os vínculos afetivos e existenciais com as crianças, como usualmente ocorre entre filhas e mães, quando esta relação é respeitosa e empoderadora, a exemplo da forte ligação entre Zuri e sua mãe Angela, por exemplo. Os pais tornam-se mais sensíveis e empáticos às demandas subjetivas e individualidades de suas filhas e filhos.

O filme nos conduz a refletir sobre masculinidades negras e paternidades, pois rompe com estereótipos de gênero ao retratar um homem negro e forte tendo que cuidar com delicadeza e colocando laços de fita cor de rosa nos cabelos crespos de sua filha, sem que com isso sua masculinidade seja colocada à prova. O tema das masculinidades negras tem sido muito debatido nos dias atuais, pois elucida a intersecção entre a categoria de gênero com a categoria de raça/etnia sobre as experiências e constituição de subjetividade de homens pretos

no Brasil. Ou seja, eles são socializados para performar força, frieza, são hipersexualizados e suas emoções não são consideradas. Assim, é fundamental refletir acerca da interseccionalidade entre raça/etnia e gênero em homens negros (VIVEROS VIGOYA, 2018) a fim de compreender a infância em perspectiva interseccional, pois as crianças negras sofrem os efeitos do racismo estrutural e machismo que operam sobre as vidas de seus pais, tios, avôs.

Como exemplo, no Brasil temos o coletivo social “Pais Pretos Presentes”³, pioneiro na atuação, desenvolvimento e amparo a famílias negras auxiliando-as a educarem suas crianças amparadas em valores ancestrais e perspectiva afrocêntrica. Assim, o coletivo promove um espaço de aquilombamento, acolhimento e letramento racial para pais pretos, fortalecendo masculinidades negras saudáveis para romper com o ciclo de violência familiar.

Voltando à análise do curta metragem, um segundo ponto que podemos destacar nesta análise do filme é a ação de Zuri desenhando sua mãe de cabeça raspada como uma rainha. Interpretamos esta cena como um ato recíproco, pois Angela empoderou Zuri durante anos ao valorizar os cabelos crespos da filha, e Zuri, sabendo que a estética é importante para sua mãe, ressignifica sua condição diante da doença e a transforma em um símbolo de força e resistência. Assim, o processo criativo de Zuri transmite uma mensagem que subverte a ordem social vigente de que mulheres devem ter cabelos longos (e lisos), além de empoderar sua própria mãe.

Nesse sentido, o filme reforça o debate de que crianças que tiveram suas identidades étnico-raciais construídas em torno da valorização da estética negra, podem adquirir ferramentas epistemológicas e políticas importantes para lidar com situações de racismo, sexismo e adultocentrismo no cotidiano. Podemos vislumbrar um encontro no futuro entre Zoe do filme “Felicidade por um fio” e Zuri do filme “Hair Love”. Ambas mulheres negras, conscientes das estratégias racistas e com condições de agenciar suas próprias vidas de maneira a seguir criando e fortalecendo relações em torno de práticas antirracistas. Sendo assim, o objetivo de discutir os filmes neste artigo foi destacar, de maneira pedagógica, a possibilidade de construção de alternativas ao padrão colonial de submissão.

5 Considerações Finais

A partir da análise do filme *Felicidade por um fio* e do curta metragem *Hair Love*, pudemos repensar sobre epistemologias decoloniais e antirracistas, considerando que as peculiaridades da infância podem oferecer terreno fértil para vislumbrar mudanças de paradigmas na sociedade. Tratar de temas tão dolorosos como o racismo na vida de crianças negras, sem nos apoiar metodologicamente nas potencialidades das crianças, possivelmente teria sido ainda mais espinhoso. Como vimos ao longo deste artigo, consideramos que a originalidade e espontaneidade das crianças pode permitir subverter práticas sociais alicerçadas no colonialismo. É imprescindível a compreensão metacrítica acerca da valorização da estética negra e

³ Para conhecer melhor o trabalho do coletivo, acesse: <https://paispretospresentes.com.br/> ou @paispretos

africana enquanto resistência ao alisamento compulsório em crianças negras, amplamente problematizado por movimentos sociais.

Desse modo, talvez, um dos avanços deste estudo consiste em possibilitar reflexões sobre a responsabilidade social de pessoas adultas em relação à construção de identidades étnico-raciais em crianças, repercutindo na elaboração de modelos existenciais afrosujeitos das próximas gerações. Ou seja, pessoas negras educando suas crianças a partir da potencialidade e da ancestralidade africana; enquanto que pessoas brancas educam crianças brancas em perspectiva antirracista repensando sobre seus privilégios simbólicos e materiais em uma sociedade estruturalmente racista.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- CHAVEIRO, Maylla M. R. S. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2020.
- CHAVEIRO, Maylla M. R. S, MINELLA, Luzinete S. Infâncias decoloniais, interseccionalidades e desobediências epistêmicas. **Cadernos De Gênero e Diversidade**, 7(1), 99–117. <https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43661>
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para encontro de especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- FELICIDADE por um fio**. Direção de Haifaa Al-Mansour. Estados Unidos: Netflix, 2018. (98 min.). Título original: Nappily Ever After.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HAIR Love**. Direção de Matthew A. Cherry, Everett Downing Jr. e Bruce W. Smith. Estados Unidos: Sony Pictures, 2019 (7 min.).
- hooks, bell. Alisando nuestro pelo. **La Gaceta de Cuba**, v. 1, p. 70-73, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.
- NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./ abr. 2019.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.
- VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

DATA DE ENVIO: 15 de julho de 2021 | DATA DE APROVAÇÃO: 28 de agosto de 2023